



Em foco

Rita Barros

Rita Barros vive em Nova Iorque, no Chelsea Hotel. Foi lá que surgiu "A Presença da Ausência". O mundo da fotógrafa, os seus utensílios domésticos, o sapato dourado, a cafeteira, uma chávena... Objectos que são portadores de histórias e memórias envolvidas em cores quentes e garridas na Galeria Pente 10.

O que representa "A Presença da Ausência"? Esta série lida com a metáfora da solidão e da perda?

É encontrar a memória de cada objecto através da sua história. A memória inclui momentos, passados, presentes e futuros porque pode representar o sonho. Demorei três anos a fazer este projecto, mas valeu a pena. Foi seleccionado para a exposição "Descubrimientos" da Photo España 07.

Diz que tudo merece ser fotografado. É verdade?

Sim. Quando um objecto nos diz alguma coisa, ele passa a ter vida e história. Quando há um conhecimento profundo, passa a ter outra dimensão e essa ideia é transmitida nas imagens. A minha chávena de café tem uma vida. Há um amigo meu que disse que é o meu auto-retrato porque me vê ao lado da chávena cada vez que vai a minha casa.

É esse factor que a atrai em fotografar o banal?

Sim. É um mito a ideia de ter de ir viajar para muito longe para fotografar porque na própria casa a pessoa pode ter todo um mundo importante a ser documentado.

Para o livro "Quinze Anos: Chelsea Hotel" fotografou

peças. Para esta exposição fotografou unicamente objectos. São dois mundos completamente diferentes. Foi mais complicado?

Não, porque não são dois mundos completamente diferentes. Eu sempre fotografei para contar uma história, existe sempre uma narrativa. Para o livro, a história é representada pelas pessoas que habitam o hotel e esta série é a minha história.

Continua a viver no Chelsea Hotel, no quarto onde viveu Arthur C. Clark. Aparecem pessoas que querem conhecer o seu quarto?

(Risos) Muitas. Telefonam-me regularmente a perguntar se podem visitar o meu quarto.

Como é que reage a essas solicitações?

Por vezes as pessoas que me telefonam ou conhecem-me ou são amigos de amigos. Mas existem também alguns estranhos e é claro que não o permito, afinal é a minha casa. No ano passado uma equipa japonesa que estava a realizar um filme sobre Arthur C. Clark pediu-me para filmar o quarto e eu autorizei. Foi uma experiência delirante porque entraram dez japoneses pelo quarto e foram filmar a janela. Só filmaram a vista da janela para o exterior.

Qual foi o valor mais alto que pediu por uma fotografia?

Eu não pedi. Foi uma fotografia que fiz do Iggy Pop que foi a um leilão em Nova Iorque. Foi vendida por 3500 dólares. Não estava nada à espera de conseguir vendê-la por um valor tão alto. Não foi nada mau (risos).

Elsa Garcia

Time Out

Lisboa

TUDO O QUE HÁ PARA FAZER EM LISBOA
19 - 25 DE NOVEMBRO 2008 2€ Nº60